

TRANSCRIÇÃO

Questões Inquietantes Colóquio 2011 -

PARTICIPANTES

Maurício
Aristón
Pedro

TEMPO DE GRAVAÇÃO

1 hora 35 minutos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Inteligente

LEGENDA

... → PAUSA ou INTERRUPÇÃO
(inint) → ININTELÍGIVEL
(palavra) → INCERTEZA DA PALAVRA OUVIDA/TRANSCRITA
* → PARTICIPANTE NÃO PASSÍVEL DE IDENTIFICAÇÃO

(INÍCIO)

Apresentação dos membros da mesa por Maurício.

Maurício: ...Outro Brasil, dentro de tantos Brasis que nós temos, as dificuldades são ampliadas, são geometricamente ampliadas e quando nós vemos um professor jovem, um pesquisador jovem como o Márcio, lutando, levando para frente seus ideais, sua produção, corajosamente, editando seus livros com tanta dificuldade, nós ficamos tocados por esse esforço e fica feliz porque, mesmo com todas as dificuldades, ser professor pesquisador ainda vale a pena. Obrigado, Márcio e obrigado, também, pelos exemplares com que você me presenteou. Professor Aristón. Onde está o Professor Aristón? Vamos? É o nosso pinga fogo. Imaginamos que poderia ser o pinga fogo. Não, evidentemente, eu e Aristón, mas todos nós aqui pensamos, a comissão organizadora pensou em uma sessão diferente. Que não é propriamente apresentação de trabalho. Eu convidei Professor Aristón, que é professor de epistemologia da administração também. Ele fundou a área de epistemologia na ANPAD, na divisão acadêmica ensino e pesquisa, que criou o tema antes de ser criado nos estudos organizacionais, então ele me antecedeu. Eu o ajudei, avaliei trabalhos para aquela primeira vez que o EPQ, como se chama,

apresentou o tema epistemologia, mas acima disso tudo, Aristón também é professor de epistemologia, estuda epistemologia e luta para a construção da epistemologia. Então, eu telefonei um dia para ele e disse assim: "Olha, conversamos na comissão...".

Aristón: Espera. Um dia, às duas horas da madrugada.

Maurício: É o único momento que sobra. Pois é. O Daniel está fazendo a tese do doutorado sobre a vida do professor, ele vai contar isso melhor para nós quando a tese estiver pronta. Professor no Brasil. Enfim, coloquei a questão para ele: "Aristón, vamos fazer uma coisa diferente". A comissão já subverteu a decisão dela própria, porque, eu digo para você: "Olha, olharam isso aqui agora, pelo que eu estou vendo". O título da sessão era Debate Sobre Questões Emergentes, mas a comissão já colocou Debate Sobre Inquietações Emergentes, porque disse que toda hora falam em inquietação aqui, desde ontem. Palavra mestre do colóquio é inquietação. Então, pronto, aceitamos Inquietações Emergentes. São poucas questões, eu pedi a Aristón para elaborar duas e eu elaboraria duas. São questões que incomodam, inquietam a mim, a Aristón e as pessoas que estão, digamos, a nossa volta. Disse: "Vamos colocar isso para o público, então". Nós temos um tempo, aqui está previsto até as doze e trinta, mas podemos... São onze horas, o tempo está ótimo, podemos ir até umas doze, doze e quinze, tudo depende de vocês todos, de todos nós. É isso. Nós vamos projetar as questões aqui. Aristón vai falar dois minutos da questão dele, eu também, dois minutos das minhas e vamos rodar. Está certo? Espero que seja como na minha terra. Rodar a baiana! Vamos lá? A primeira do Aristón.

Início do Debate

Aristón: De certo modo já renunciada a minha fala anterior, ainda com a minha turma de doutorado e mestrado da "UFRGS" na aula de epistemologia, certo mal estar sempre aparece. Primeiro, porque a epistemologia não tem ainda um espaço de reflexão que nós julgamos que precisa ter. Eu até questiono: "Precisa ter discussões epistemológicas na área?". No fundo, sei lá. Não sei. Por gostar de estudar o assunto, eu acredito que tenha. **Mas duas coisas que incomodam é, primeiro, de que modo a epistemologia procura lhe dar com aspectos de transcendência do sujeito? De que forma o elemento de transcendência na criação do conhecimento aparece?**

Diversos pensadores têm se manifestado, a intuição criativa de Peter Galison é um dos elementos que vai tratar da criatividade como um dos aspectos dessa transcendência enorme, com presença do sujeito. Alguns focos, eu acredito, de manifestação, sem entrar em detalhes de qual outra corrente da epistemologia e, em uma espécie de ambiguidade, a positividade das coisas. Não estou falando aqui, necessariamente, de positivismo, mas de como as coisas se tornam positivas e a partir da qual nós a encaramos como sendo positiva. **Mas afinal, o conceito não deveria guardar uma relação de compromisso com o real ao qual ele efetivamente se volta?** Não seria uma relação que, de certa forma, usam chamar de conceito de verdade, conceito de real. Em uma relação, descartar o conceito, de certa forma é descartar uma parte do real que se apresentou e que, de certa forma, talvez, se apresente de outro modo e o conceito não consegue mais capturá-la, digamos assim. Isso significa, nessa ideia de ferramenta, eu estou diante desta positividade ao qual o conceito tem que corresponder ou dar resposta do modo como ele se apresenta. Então, é uma questão, assim, singela, para início de debate. Não é Maurício? Não é que nós vamos ficar debatendo aqui não. Eu acho que o debate vai correr, efetivamente, na platéia. Nós tentamos, aqui, só dar uma ou outra espetadinha. Obrigado.

Maurício: Obrigada, Aristón. Você pode ficar com esse, eu vou ficar com esse. A segunda, então. Gabriel, por favor. A segunda e a terceira, uma decorre, mais ou menos da outra. **Partindo do ponto de vista ou até, se desejarmos, uma constatação de que a administração é uma ciência social aplicada e aí, no itálico, proposital, social aplicada, quais seriam as dificuldades e desafios a superar e/ou a enfrentar para construção de sua epistemologia?** Porque ela é ao mesmo tempo, ela se quer como ciência, todos nós, parece que a queremos como tal, fazemos ciência com ela, mas ela também tem o seu caráter ou a sua dimensão, essencialmente, pragmática. Ela tem que dar respostas, vou usar essa palavra, mas eu diria concretas, mas mais do que isso, imediatas na ação. Nós formamos profissionais. Eles passam, no mínimo, quatro anos conosco. Nós moldamos pessoas para agir profissionalmente, ganharem suas vidas na sociedade atual, construírem suas vidas, viabilizarem-se como indivíduos, como pai, irmão, mãe, responsável pelos outros e por si próprio, ter uma identidade social. Nós formamos pessoas,

ou pelo menos encaminhamos pessoas para a vida, para o mundo no dia a dia. Uns ficam na academia, outros não ficam, saem e vão para as organizações, vão para o mundo, vão ser feirantes, homem de negócio, vão ser outra coisa. É uma ciência desse tipo, ela já, a meu ver, já nasce com a marca da ambiguidade. Claro que outras ciências sociais também têm o caráter aplicado, mas em poucas, a meu ver, esse caráter é tão forte quanto à administração. Se compararmos com a sociologia, por exemplo, claro que o sociólogo também trabalha em organizações, etc.,etc. Mas a administração já nasceu com o compromisso com a prática, com a ação. E ela nasceu, me parece, enquanto ciência ocidental, porque já foi falado hoje, ontem, que a administração é uma coisa muito antiga, de fato. Mas nessa versão da qual nós somos partícipes e grandes incentivadores, porque somos professores, ganhamos as nossas vidas assim, fazemos disso, também, profissão, tem um compromisso com a prática muito forte desde o início. Se pensarmos em Taylor, por exemplo, nasce de uma necessidade de organizar o trabalho nas fábricas americanas naquele momento histórico. Um engenheiro vai lá e diz: "Nós temos que ter uma profissão nova, que não é a minha de engenheiro. Parece, mas não é". Quase na mesma época, Fayol, na França, segundo país a entrar na revolução industrial, primeiro a Inglaterra, todos sabemos disso, diz a mesma coisa com outras palavras. Só que, talvez, mais refinado: "Temos que ter escolas, isso tem que ser um curso". Está lá no primeiro livro de Fayol: "Isso tem que ser ensinado e tem que ser uma ciência". Então já nasce assim e hoje, que nós, como dizia o mestre Pedro Demo, estamos apreciando e questionando o movimento científico, a ciência, nos deparamos com isso. **Ela é uma ciência e ela é aplicada, como deve ser. Ou pelo menos há essa dimensão. Como fica a construção epistemológica?** Acredito eu, bem mais difícil que algumas outras ciências sociais. Bom, a terceira questão parte daí também. **Uma vez que a consideramos uma ciência social aplicada, como se desenvolveriam os estudos ou, como queiram, paradigma ou paradigmas, deixo a critério, de punho crítico na administração?** Dentre os quais, muitos de nós aqui estamos filiados, desprezando ou ignorando a discussão da prática, essa inquietação eu tenho ouvido a trinta e dois anos. E a trinta e dois anos eu sou professor de administração e, principalmente, vem da graduação. Eu não sei se na pós-graduação, às vezes eu ouço, mas não sei se as pessoas

ficam meio com vergonha de perguntar, mas estudante de graduação não tem vergonha não: "Ok, professor. Muito bom. Realmente esses autores nos mostram um lado perverso da administração, das organizações, do mundo. Nem todo mundo, realmente, vai ser Roberto Justus". Com aquela... Desculpe, mas eu o acho uma empáfia enorme, mas é um homem de sucesso. "Esses textos que o senhor traz vão denunciando o lado escuro da lua. Maravilhoso, mas, professor, eu vou me formar no semestre que vem" e aquela coisa, Aristón: "Não, mas eu estou ajudando você a pensar". Responde aí, parte.

Aristón: Se me permite uma parte, eu tenho um trabalho escrito sobre a epistemologia de Peter Drucker, eu confesso que até hoje eu não publiquei por receio de dizer: "Pô, mas você vai estudar pela epistemologia do Peter Drucker?". Então de imediato, "é um liberal", a cunha, sei lá, neste sentido que você está falando, fala de uma prática, podemos concordar ou não de qual prática está falando. Mas a reflexão crítica sobre essa prática, efetivamente, às vezes cai do céu, sei lá, eu tenho, em alguns elementos, há temáticas que nós temos um pouco de receio de colocar, porque a nossa academia é uma academia de imediato, ela é uma academia do enquadramento. Estão loucos para lhe enquadrar. Os sujeitos que não querem ser enquadrados, falam: "Ah, estudos organizacionais".

Maurício: Pois é, pessoal, talvez alguns de vocês tenham passado também por esses becos sem saída. Paradigma crítico, muito bem, necessitamos dele, evidentemente, etc., etc., teremos mil razões para trilhar o seu caminho. Mas é uma ciência social aplicada que tem que dar respostas imediatas na ação e nós formamos pessoas para o mundo, para a vida. Enfim, também sou combatido, muitas vezes, por colegas críticos e agora já tem até as correntes oficiais críticas. Quando eu comecei a dar aula não tinha não, nós éramos gatos pingados, assim, dentro das escolas de administração e que tínhamos que fazer uma ginástica imensa para poder entrar na escola, porque eram pessoas diferentes, esquisitas, com ideia comunistas, assim que diziam. Mas agora é muito mais tranquilo ser crítico, tem até paradigma, tem centros de pesquisa críticos, enfim, é meio que confortável. Desde que nós não precisemos entrar nessas discussões e nesses questionamentos, eu fico só criticando tudo que acontece. Bom, eu ouço isso dos meus alunos. Vamos lá. Está lançado.

*: Nós estávamos, antes, aqui discutindo práticas. O que eu estou vendo nessas perguntas são as questões dicotômicas. Ciência social aplicada. Então tá. Eu tenho uma ciência social que não é aplicada e a nossa, que é aplicada. O crítico e o positivo funcional. E o Maurício falando dos alunos de graduação, eu fico pensando, não é muito mais que dicotômico, nós tentamos entender que isso tudo é produzido por nós mesmos? Eu estava contando aqui para a Alessandra como control C, control V, tentam fazer coisas que eles não conseguem colar da internet e então eles têm que ler livros, desses livros que têm por aí e dizer como é que eles veem, no livro, os conceitos da disciplina. Tipo introdução à Administração que eu dou no curso de Comunicação. Pegarem o livro do Google. Os alunos vieram apresentando, discutindo as coisas, eles disseram: "O início do Google, eles tinham essa filosofia e esses alunos estão muito mais conectados que nós. Hoje todo mundo tem medo de usar o Google, porque o Google tem o potencial de ser a coisa mais diabólica, mais Big Brother que existe no mundo. Que eles têm capacidade de saber tudo que você pesquisou, que você quer, sua agenda está lá, seu e-mail, seus contatos, tudo, tudo, tudo. Então já tem muita gente, teoria da conspiração dizendo que o Google é o super "info" [00:19:04], completamente contra o que eles começaram". Estou divagando aqui, mas na mesma linha, (inint [00:19:13]) ...apresentando a história da Apple. A Apple, no início, quando lançou o primeiro "Mac in touch" era aquela coisa para você se libertar, enfim, hoje em dia a Apple é super proprietária, você está na Apple, você não consegue migrar para outras plataformas. **A minha questão é: essa dicotomia, porque nós falamos de prática, nós falamos de estruturação, nós falamos de instituinte e intituído e nós conseguimos ver isso, mas traz para nossas reflexões essa dicotomia?** Eu acho que quando nós pararmos de pensar dicotomicamente, nós superamos algumas das... Até a dicotomia, racionalidade instrumental, racionalidade substantiva, as dicotomias que todo mundo diz que difícil ver no nível de análise micro e macro. Enfim, estou só ventilando aqui, mas foi como a questão da dicotomia me trouxe para essas três perguntas aí. É isso.

Aristón: **Dicotomia ou dialética?**

*: É. Pode ser dialética também. Obrigada professor. A dialética responde a questão da dicotomia. Uma das respostas.

Sérgio: Bom, que você tocou em uma questão fundamental que é a questão da dicotomia, que realmente, me parece, perpassar as várias questões. Mas eu gostaria de me concentrar na primeira. A ideia, Aristón, é que as ciências humanas, em estudo e diálogo incessante, com a filosofia e com a ciência, questionar qual parte das ciências, ditas humanas, se vincularam, desde o século XVII, desde o início da cultura das ciências particulares, em relação à filosofia, as próprias ciências sociais, a própria... Você nota algo uma cultura das ciências, a sociologia, por exemplo,...eu acho que, invés do diálogo, existe a falta do diálogo. Não é incessante, eu acho que é constante a falta do diálogo. Eu vejo assim. Eu acho que bom que houvesse esse diálogo entre filosofia e ciência. Mas acho que houve na própria constituição das ciências sociais, uma busca de definição melhor do seu objeto nesse processo na medida em que elas... formam definindo melhor, foram deixando de lado o diálogo o a filosofia. Ficou até meio fora de época você questionar "dever ser" na frente da constatação, da discussão. Houve uma diáspora entre ciências sociais e filosofia, assim como ciências em geral e a filosofia. Mas houve, também, o movimento de aproximação, por exemplo, final do século XIX, início do século XX, um requestionamento sobre o início do positivismo, surge com a busca de concertar alguma coisa no positivismo, sem grande ruptura, contribuindo enormemente para as várias ciências, na sociologia, na antropologia, enfim, ela está presente em menor grau ou maior grau. Enfim, mas ela tem algo profundamente fora da nossa época, a fenomenologia. Ele diz que: A fenomenologia, apesar de ter sido, de certa forma, a matriz de várias questões colocadas pelo construtivismo, pela própria dialética, a construção social do conhecimento, a fenomenologia trata do ser humano como algo excepcional em relação à natureza, como um pressuposto da excepcionalidade do humano dentro da natureza. Ela trabalha uma dicotomia, entre o ser humano e a natureza. Nesse ponto a fenomenologia ficou um pouco fora de época, nós estamos cercados de problemas ecológicos, nós estamos com um desafio imenso de nos aproximar e compreender as várias lojas, várias dinâmicas, dos vários habitats, dos vários animais, enfim, e deixar de lado a arrogância antropocêntrica de nos colocarmos como gestores da vida humana na Terra. Estamos diante desse grave desafio. É nesse contexto que eu vejo a necessidade, não de transformar a dicotomia em fusores, propriamente, uma

busca de aproximação com aquilo do qual nos distanciamos. Já começamos fazendo isso, por exemplo, os biólogos deixarem, a alguns anos já, de buscar separar os animais dos seus contextos, irem lá para o laboratório, fazer um texto, fazer um experimento com o animal, uma pílula, digamos uma coisa assim, com o animal estressado, fora do seu ambiente, não vai dar o resultado. Obviamente, o resultado depois no ser humano vai ser pior ainda, é uma má ciência. Vamos, então, adaptar os instrumentos de coletas de dados ao habitat do animal e lá, vigiar como ele se comporta à noite, integrado ao seu ecossistema e sem o estresse de ser transportado para o laboratório. Pois bem, é uma busca de aproximação. Eu acho que essa humildade dos biólogos deveria nos ensinar algo, ou seja, é preciso evitar essa ideia, por exemplo, como aquele saber confiável, seguro, isolado. A concepção de paradigma, com Thomas Cuhn, que é reproduzido um tanto quanto superficialmente, eles pegam alguns aspectos de Thomas Cole e subvertem a ideia de Thomas Cuhn em que? Ciências sociais pré-paradigmáticas. Thomas Cuhn é enfático nisso, recorrendo a essa ideia. Porque as ciências paradigmáticas, para Cuhn, são aquelas ciências que atravessam uma fase de estabilidade, de distanciamento quanto ao senso comum, de profundidade no ponto de vista técnico, algo de saber fazer, saber olhar como cientista, há um treinamento do cientista para entrar nesse mundo da ciência normal. Não é qualquer um que faz parte desse grupo técnico. E esse tipo de abordagem paradigmática realmente não serve para administração, não serve para se nós quisermos ter alguma conexão com o mundo real...conectado com o real, ligado com o real. **Como um administrador pode ter a pretensão de ter um paradigma, um vigilante da realidade?** Eu vejo necessidade de aproximar e não distanciar a administração, a prática administrativa do mundo real, mundo concreto. Mas nessa aproximação vem um segundo desafio uma dupla necessidade de ruptura epistemológica ou uma ruptura epistemológica do cientista com relação ao senso comum, necessidade de combater a intrusão da religião, do dogmatismo no trabalho do cientista. O cientista buscou autonomia e fez uma ruptura com relação a todo aquele trabalho do dogma. **Mas hoje estamos diante de outro desafio, que é qual?** O cientista se colocou no lugar de Deus, se endeusou, agora temos que nos aproximar, para que essa ciência deixe de ser antropocêntrica, para que ela deixe de ser legitimadora de um trabalho, de

uma constante marginalização de povos, enfim, pessoas mais pobres, uma série de consequências sociais e políticas. **Essa ciência precisa ser questionada. Correto?** Assim como os biólogos fizeram em relação aos animais, os administradores precisam fazer em relação ao ser humano que não tem a sua carteira de identidade, que não sabe falar muito bem. Eu digo isso porque eu fiz o trabalho, pesquisei em administração, catadores de resíduos sólidos, eu passei a questionar a própria linguagem, o ritmo de falar de certas pessoas. Você tem que ter uma sensibilidade antropográfica, de antropólogo, todo um trabalho de autocrítica. Paradigma crítico e autocrítico. Quer dizer, há muito a se questionar no nosso modo confortável de ser, como cidadãos, não apenas como administradores. Eu vejo, assim, para ser mais breve, a dicotomia é um desafio para a ciência de um modo geral, não apenas para a ciência da administração. Vejo a necessidade de aproximarmos a ideia de transcendência e positividade e vejo que já existem estudos que estão fazendo isso. A neurociência, há estudos dos enfoques da complexidade que aproximam isso, que mostram a ideia que o próprio ocidente construiu essa transcendência oficial, essa ideia da universalidade como um ideal abstrato, enfim, acho que nós estamos dentro de uma crise de paradigmas, as ciências sociais não têm feito esse diálogo de forma consequente, ela tem se isolado. Os serviços sociais e as ciências humanas, são muitas vezes mais fechados ao debates interdisciplinares que os próprios administradores, que a própria academia, que já são. Esse assunto ([00:31:06]) de ser mais aberta, trabalhar com outros enfoques. Você disse que no início da sua carreira era um grupo pequeno, hoje a administração tem mais democracia aqui do que ciências humanas. Lá existe muito mais vaidade, muito mais ciúmes. Antropologia não sede espaço, um centímetro que seja, para sociologia, e vice versa. Muita mais guerrinha de vaidade, muito mais do que aqui. É a impressão que eu tenho, posso estar enganado, mas enfim, eu acho que esse diálogo e essa dicotomia precisam ser questionados para poder se encaminhar para alguma resposta que é construída, que é co-construída. Alguma coisa que nós podíamos construir, ou a própria realidade se encarrega disso. Há um determinismo aí que nós não podemos imaginar que vamos ser expostos.

Maurício: Obrigado, Sérgio. Eu não vou responder nada. Eu não estou tentando responder, apenas esclarecer. Nós estamos gravando a sessão

inteira para não ficarem palavras ao vento. Não, a partir de agora não, desde que eu abri a sessão. Vocês estão sabendo, vocês não podem dizer: "Não fui eu quem disse".

*: A respeito da administração como ciência social aplicada, as dificuldades para superar e tentar sobre epistemologia, eu acho que vem das próprias lacunas da ciência social. Obviamente, uma hegemonia do positivismo e mesmo, então, obviamente, nós vamos ter reflexos de uma ciência social aplicada. Em relação aos críticos estarem ignorando a prática das ciências sociais, a discussão da prática da própria administração, nós temos dois caminhos. Primeiro, nós temos uma pseudoprática, que é "vamos fazer amigos e conquistar pessoas", algum executivo, por aí vai. Aí a pseudoprática, algumas palestras motivacionais que os alunos adoram, essas coisas, que nós temos que combater mesmo. Eu acho que aí é buscar o fundamento disso, desse tipo de coisa. Agora, a prática mesmo da administração, sem esses problemas de aeroporto, eu acho muito mais interessante discutir com os alunos como usar os conceitos, do que levar a resposta pronta. Então no final da disciplina quando nós vemos, por exemplo, gestão social, nós temos uma aula fechada. Vai usar isso como e para quê? É muito mais interessante a discussão para dentro de sala do que você chegar assim, igual eu te pergunto: "Vai usar para quê?", eu pergunto: "Para que você vai usar?". Devolvo a pergunta. E o interessante, está na minha tese também, não à toa, está no plano cartesiano, eu acho que isso já fala muito.

*: Bem, a minha questão é bastante simples, mas simplória e bastante prática também. Em relação aquela terceira pergunta, como se desenvolveram críticos, como se desenvolveriam os estudos críticos desprezando ou ignorando a questão prática. **Daí, eu pergunto justamente isso, não é a literatura gerencial que despreza ou ignora, não tem interessa na prática? Porque é muito próximo do que ele disse. O que os livros, as teorias de liderança, por exemplo, trazem? Nós encontramos essa pessoa na prática?** Então, eu acho que esse desprezo ou ignorância que acontece na prática, também acontece na literatura gerencial. O próprio conceito de administrar, do que é organização, esses conceitos que nós trazemos, também, não são infalíveis e talvez nos estudos críticos, os desenvolvimento deles é que você vai repensando como seria na prática.

Sônia: Boa noite a todos. Eu me chamo Sônia, estou professora no Instituto Federal Catarinense, curiosamente, quando entrei no programa como doutoranda, uma das disciplinas iniciais eram epistemologia e ontologia. E antes de entrar ali, nesse programa, eu fiz umas disciplinas na educação. E curioso, na educação, os professores se destacavam os professores da educação... Centro de educação profissional, nós somos uma instituição sui generis, onde há oferta de ensino básico, técnico e tecnológico. Trabalhamos com licenciatura e bacharelado. Eu sou professora da área de gestão e vim para cá tentar encontrar aplicabilidade.

Maurício: Aplicabilidade.

*: Acho que todos, não é? Mas na minha prática docente eu tenho sentido muita falta, principalmente, com o grupo de professores que trabalham comigo, cada um trabalha por si. Então, repensar melhor, principalmente, na área de educação profissional, que está crescente no Brasil, hoje. E dúvidas, muitas dúvidas. E até ia conversar com o Professor Maurício, na questão três, do nosso aluno ser um aluno de formação pela metade. **Nós estamos estreitamente limitados, colocados em caixinha de formação para o mercado e como é que eu vou me preparar, para preparar esse aluno para atuar no mercado com pensamento e possibilidade de discussão mais crítica?** Vou colocar mais dúvidas. Eu queria retornar só um pouquinho na fala de ontem, o Professor Maurício falou que o capitalismo está em crise e complementa o Professor Pedro: "Se nós vamos fazer somente da academia ou se nós vamos considerar outra forma". Ele veio e me disse: "Olha, mas é inevitável". E eu gostaria de puxar a reflexão para vocês, botar mais lenha na fogueira, porque nós temos aí sujeito versus objeto, que que é um sujeito de geração Y, contra um objeto que é antigo, arcaico, tradicional, como, por exemplo, a escola. Eu queria colocar para vocês esse debate, se vocês estão na academia, nas universidades e escolas públicas, parece, a maioria aqui, como ficou? Tenho formação na educação profissional tecnológica, tenho formação na escola pública. Atuei como professora em uma instituição privada e hoje estou de volta em uma escola pública. Como é viver assim? Obrigada.

*: Então o tema epistemologia é novo para mim, não posso deixar de parabenizar o Professor Maurício e a equipe pelo nível do evento. Eu quase consigo enxergar a nuvem de intencionalidades na seleção dos temas e no

agrupamento deles, como o professor disse aí, que gerou todas essas inquietações. Bom, a minha fala, é uma fala de um professor de ensino superior já há quase dez anos, que manteve as atividades profissionais dentro indústrias aqui da região, também de uma forma intencional, já visando essa junção, eu vou remeter a fala do Márcio, dos campos, do prático, teórico, enfim, talvez não seja bem nesse aspecto que ele abordou, mas eu acrescento, uma vez, por exemplo, dentro de administração quando falamos da pública, quando nós falamos da administração da empresa privada, nós podemos ampliar para empresa familiar, nós podemos ampliar para empresas regionais, empresas de classe mundial. Eu tive algumas experiências práticas, dentro do mundo empresarial, onde nós percebemos que sim, existe uma fusão da, digamos, da teoria administrativa. Então eu vejo que, digamos assim, dentro dessas inquietações, a que me surgiu disso tudo, dentro desses diferentes campos que eu apresentei aqui, é que hoje no Brasil nós temos uma característica que é, digamos, bastante inquietante, de ter uma estagnação da universidade pública. Não no sentido de produção científica, não no sentido de qualidade, mas sim do número de vagas e um crescente estrondoso das instituições privadas, colocando profissionais no mercado. E aí, pergunto eu, com relação à formação ou às características do corpo docente, vou chamar de ator, conforme trazido aqui na teoria. A questão do ator rede. Se essa característica da instituição e do corpo docente. Então eu vou pegar a instituição que eu leciono, que é uma instituição com doze anos de existência, apenas, que conta, hoje, com setenta e cinco mil alunos no Brasil. Considerando quinze mil no ensino de graduação regular presencial e sessenta mil, à distância. E que tem por si uma formação de corpo docente mais prática, vamos assim dizer. Ela busca, sim, colocar lá dentro mestres e doutores, mas mais por força de lei, porque daí vem... Eu sou avaliador do MEC também, então nós chegamos com uma cartilha que diz: "Olha, existem esses critérios que vocês têm que seguir". Nós vemos, também, universidades em nível de Brasil que já esboçaram esse conceito empresa, que foi citado aqui, onde existe essa velocidade, vamos assim dizer, também a formação desses mestres, desses doutores para suprir hoje uma demanda, vamos assim dizer, de mercado. Então, minha inclinação é essa, se nós temos, na verdade, esses dois contextos, eu não vou dizer distintos, mas seria interessante se nós conhecêssemos. Então, nós temos aí

quase dez vezes o número de alunos sendo lançados no mercado por instituições privadas, com um corpo docente com um perfil, digamos assim, vou chamar de prático, as expressões, o senso comum que estão usando, que estão ingressando agora no programa. E temos, também, a academia, digamos assim, já com uma estrutura um pouco mais teórica, mas não usando a palavra teórica no sentido de afastamento da realidade, porque eu não enxergo dessa forma. Eu enxergo que há sim uma aproximação que às vezes é necessária ser feita a tradução para o aluno. Então, quando nós chegamos lá, por exemplo, e fala das escolas, simplesmente traduzir aquela linguagem e dizer para eles: "Olha, dependendo da empresa, todas essas escolas estão lá, acontecendo ao mesmo tempo". Então é uma reflexão que eu trago.

*: Eu queria, na verdade, comentar algumas questões que o Professor Maurício colocou e acrescentar outras. Parece-me que, antes de nós discutirmos essa questão de prática e tudo o mais, nós temos que pensar em uma coisa que antes de ser, até pela ordem, antes de ser aplicada, a administração é uma ciência social. Isso, eu acho, que é uma questão que nós não podemos nos furtar apesar de, eventualmente, fazermos isso. Recupero, também, uma fala do Professor Pedro, ontem, quando ele disse da possibilidade de nós fazermos pesquisas em um contexto não acadêmico. Eu me deparo muito com essas dúvidas, a respeito da arrogância que nós temos de organizar e hierarquizar o conhecimento, em uma relação mesmo de antagonismo, universidade versus sociedade. Vocês precisam de nós para explicar como vocês são. Então nós temos que ter, devagar com o andar, para, inclusive, nos posicionarmos da maneira, que me parece mais adequada, que é aprender com a sociedade para, inclusive, nós nos humanizarmos enquanto área de conhecimento. **Mas aí eu coloco: "Será que humanizar é o suficiente, nessa história?"**. Em que sentido, quando nós apenas humanizamos o conhecimento ou as práticas, nós não estamos deixando de lado as proposições de controle que fazem parte do capitalismo. Eu recupero aquelas questões que o Professor Maurício colocou: **"Qual o nosso papel enquanto reprodutores de um sistema, que nós sabemos que não é humanamente adequando? Será que nesse sentido nós nos disfarçamos de outra coisa, quando nós nos propomos isso?"** Ocorrem-me as analogias de mimetismo e metamorfose. No fundo, no fundo, parecemos que somos outra coisa, mas somos a mesma coisa, só a aparência

que muda. E por fim, eu queria colocar a questão do engajamento. **É possível, considerando que a nossa área é uma área que surgiu e sobrevive engajada, é possível outro engajamento que não o pró-capitalista?** Eu acredito que é possível, mas qual é a nossa causa? Nós temos clareza da nossa causa e temos clareza, afinal, eu faço daquela velha questão, o que é organização para que nós possamos propor alternativas?

*: Bom, essa segunda pergunta é uma pergunta caótica, porque é o seguinte, é uma pergunta que não pode ser respondida, então, ela cumpre a sua verdadeira função que é se reproduzir como pergunta. Então, é uma pergunta que dever ser levada daqui, e eu pretendo levá-la, que é uma pergunta sobre a qual eu queria fazer considerações, não respostas. Como diz, (inint [00:47:32]), psicólogo que morreu há pouco tempo na França: "O triste destino das perguntas, são as respostas". Elaborar a pergunta, aí vem a resposta matou a pergunta. Então, boa é a pergunta que não tem resposta imediata e que você fica tentando responder e por isso continua. Então, essa pergunta, eu vou ficar na pergunta dois, por causa de uma coisa inédita, que é a central, uma ciência social aplicada. Eu queria fazer uma observação, digamos assim, metodológica, sobre a forma como nós tentamos esclarecer isso aí. É que o que saber para conhecer tem uma armadilha em si mesmo, que é o fato de que ele se prende ao começar sua jornada. Ele, quando coloca ciência social aplicada, o que é, ele esquece, ele esquece que já começou dando um ponto de partida aí. Ou seja, nós não refletimos sobre o vetor do nosso pensamento. Seguimos aquele vetor, mas o problema está na direção inicial. Então, eu me fixo, portanto, na questão ciência social aplicada antes de falar nas dificuldades desse caminho. Pode ser que a questão deixe esclarecer isso aí, ciência social aplicada. Parece-me que, é claro que é quase um estereótipo já, ciências puras e ciências aplicadas. Nós estamos na primeira metade de século XX, meus amigos, quando pensamos assim, estamos na primeira metade do século vinte. **O que é ciência pura? A sociologia é ciência pura? A sociologia não é ciência social aplicada. E a antropologia é? É uma ciência política? Que só estava lá para aqueles que não estão mais próximos. A psicologia não é ciência social aplicada. Como é isso?** Então, veja, para nós começarmos, tem que dizer, distribuir um objeto para a ciência. Ciência pura tem objeto. Onde está esse objeto? A sociologia, meu Deus do céu, está tratando de

coisas reais, terríveis, conflitos que emocionam e que fazem as pessoas dedicarem suas vidas. Um sociólogo dedica suas vidas (inint [00:50:55]) coisa nenhuma, ele está muito engajado sim. Aí vem alguém falar de ciência aplicada. Se nós começamos a desmontar um pouco, que eu não vou entrar muito nisso, mas isso ser desmontado, essa história do aplicada. Para não me estender mais, eu quero avançar duas coisas, primeiro, aí é um troço na cabeça, há algum tempo, é essa que vem, a primeira resposta que vem quando nós ficamos procurando, procurando. Olha, meus amigos, nós estamos diante do problema da tecnologia. Não pense que a tecnologia da informação que eu estou querendo dizer não. É a história ciência e tecnologia. Eu vou falar uma besteira. Esse aqui é o local onde se tem o direito de falar besteira. Alguém pode pensar, "esse cara está dizendo uma besteira", aí, sabe como é...

*: E se nós confessássemos que a administração é uma tecnologia. Ou que o que se espera mais de nós é isso, eu não estou dizendo, o que se espera mais de nós é uma tecnologia. Não quer dizer, eu vou distinguir, várias diferenças de conhecimento. É claro que eu admito uma academia como ela quiser, ou seja, um campo de instrução, uma disciplina (inint [00:53:02]). Que a academia continue seu passo olímpico pela história, pelo Brasil afora, pode continuar. Mas o que eu acho que a sociedade entende e espera, quando pára. Gente, é tecnologia. Tecnologia aí. Certo? A ciência do século XIX, ou a partir, sobretudo, da segunda metade do século XIX, quando ela foi consagrada pela industrialização triunfante, a ciência conseguiu seu grande enfoque, então, ela começou a se desdobrar, estender, transformar em tecnologia. E todo mundo diz que o trabalho que se faz em laboratórios tecnológicos é ciência e quando (inint [00:54:15]). A ciência se prolongou em tecnologia, então, eu estou vendo a pergunta, estou preparando um artigo, um texto para essa revista que a (inint [00:54:29]) lançou agora, que (inint [00:54:32]) nos próximos três, quatro meses, o conceito de tecnologia. Tecnologia é o conhecimento aplicado a partir de conhecimento científico. Esse é o conceito unânime entre os cursos (inint [00:54:52]) de filosofia da ciência e filosofia da técnica que é uma (inint [00:54:58]). Tecnologia é isso. Quando você começa a aplicar ciência, isso está recebendo o nome de tecnologia. Técnica é outra coisa. Então, ciência social aplicada, eu só vou enriquecer a compreensão disso se olhar o que é tecnologia no sentido próprio. E o que me parece é que a expectativa social do

que nós ensinamos na graduação, pelo menos, para ensinar profissionais. Esses profissionais são formados em tecnologia, mas não permitem tanta tecnologia técnica, maneira padronizada de executar uma ação prevendo seu resultado e as etapas. Não. Isso não é não. A tecnologia é o saber, é um conhecimento que exige consciência na hora de exercer, que imprime criatividade. Não é coisa de máquina não, coisa de gente. Tecnologia é coisa de gente, não é coisa de máquina não. Coisa de gente. Imprime criatividade. Então, na hora, está primeira coisa que eu quero levantar o conceito de tecnologia de gestão, concentra uma coisa que pode balançar a nossa coisa de ciência social aplicada. Criar-nos um caminho de reconciliação com a prática profissional, abrir caminho de reconciliação com a prática, uma forma de diálogo. Esse é um ponto. O segundo, que eu vou ser mais breve para não desviar a coisa, porque o diálogo está muito interessante, as perguntas precisam ser desenvolvidas, etc. A segunda coisa, é o seguinte, o que é o nosso produto, aquilo que nos lidamos, o que é isso que nós lidamos? Teoria, sentido bem amplo. Começamos, aí depois "que teoria que era", mas está bom, teoria. Nós não somos profissionais, nós, aqui, elaboramos ideias para o que é o conceito, uso de conceito, uso pragmático, tudo é pragmatismo, tudo pragmatismo. Seguindo, no fim do século XIX, que eu admiro, mas é uma teoria. Eu estou chegando à conclusão que não se aplica a teoria, se aplica a tecnologia, se aplica técnica, mas teoria quem quiser aplicar a teoria de Weber vai fazê-lo um revolucionismo, vai fazer uma coisa que o homem vai se mexer dentro do túmulo e dizer: "Não, pelo amor de Deus, eu não quis dizer isso". *: Você talvez caricaturiza o pensamento bucólico. Teoria é outra coisa. Teoria é para esclarecer e gerar crenças. Das crenças é que surgem as práticas, aí é outra coisa. A prática criativa parte da crença, mas como você se convence de uma coisa, faz perguntas, quando você se convence pela teoria, você é livre para criar prática. Então, nós como criadores, ou gente que trabalha com teoria, tem uma noção de aplicação. Sabe o que é isso? É uma ideia de lógica. Como um algoritmo ou um raciocínio dedutivo. Está aqui o princípio, está aqui o caso, eis a conclusão aplicada. Não é assim com teoria não. O caso é mais forte do que o conceito, do que a teoria. O caso nunca esgota em uma teoria. A aplicação do caso é fortuita, dá em erro, dá em acerto e nunca se poderá saber por que dá certo ou porque deu errado. Ter-se-á interpretações sobre isso.

(inint [01:00:15]) teoria mesmo, teoria (inint [01:00:24]), teoria com T maiúsculo não se aplica. Certo? Nós elaboramos com criatividade, nós vamos como grandes autores que nós vemos. Portanto, por essas duas razões, por despertar a questão da tecnologia, conceito de tecnologia, como sendo a aplicação de conhecimento a partir da ciência e pelo fato de estar envolvido o trabalho com teoria e teoria mesmo não dá certo aplicar, não é para ser aplicada, é para inspirar convicções, desmontar mitos, desmontar mal entendidos, é para isso. E é muita coisa, não é pouca coisa não. Então, quando o cara vem com uma aplicaçãozinha de "TGA", acabou com o trabalho desse povo. Aí eu volto para a Adriana, quando ela faz mais esse aí ao final. Aquilo é conversa dos teóricos, que ele arrumou para trazer, um esqueminha, em duas alternadas, resumiu, meu amigo, está aqui, apliquemos. Matou. Inclusive matou o que chamou de paradigma. Matou a coisa, fechou a criatividade. Então, aqui são apenas comentários, comentários pelas perguntas, etc.

Maurício: Obrigado, Pedro. Temos informação que três pessoas ainda querem se manifestar. Nós temos dez minutos e daqui a dez minutos faremos o fechamento e abriremos uma surpresa. Então, eu vou pedir a essa três pessoas que se manifestem, mas que sejam breves para que essa surpresa possa acontecer antes de liberarem para sairmos para almoçar.

*: Fazer um comentário bem rápido. Eu penso que essas duas últimas questões lançadas, elas vêm do seguinte pressuposto, uma das principais críticas na crítica da administração são a falta de alternativas, ou melhor, práticas alternativas. Mas como supor alternativas se o formador crítico fica muitas vezes encastelado no mundo da pós, em uma pesquisa e não busca propor discussões alternativas no ensino de graduação. **Supondo o ensino de graduação não é o espaço para tal, ou seja, em que medida, os formadores que se dizem críticos, se querem fazer entender? Em que medida não considera melhor continuar sendo apenas críticos?** Porque ser crítico também é uma posição de poder na academia, assim, é como se a graduação fosse um mal necessário, um calvário por qual o aluno fosse obrigado a passar, para só depois, na pós, descobrir que não era bem assim,

ou se o aluno acabar, por uma alegria ou não, sendo atraído pelo professor um pouco mais crítico, ele é encorajado, não a propor alternativas, mas a ignorar o coro contrário. Assim, eu acho que nós devemos avançar no desafio de propor uma formação mais ampla. Os alunos, futuros profissionais, só conseguirão propor, pensar alternativas, se forem incentivados a pensar alternativo. Acho que ainda há uma descrença em função do nosso, aspas, "se achismo", da capacidade dos alunos, quando, na verdade, a incapacidade é nossa. O aluno ainda acha que a teoria da administração não vem da prática, ela vem. E é influenciada pelos valores da sociedade. Esses valores é que não são discutidos. A limitação dessas teorias é que precisam ser discutidas. Eu falo isso por uma experiência que eu passei, isso é o retrato da experiência que eu passei, ou seja, passo por uma formação que é uma coisa, na pós- graduação eu descobro outra coisa e eu vou propor o quê? Se tudo que eu aprendi até então são dúvidas, não faz sentido, enfim. Então eu penso que depois que nós descobrimos outras formas de pensar, outras formas de se posicionar, nós acabamos meio que querendo se colocar em um pedestal e achar que, um dia, quem sabe, o coitado que está na graduação possa descobrir isso também. Mas o que nós fazemos com isso? Se ache ou propor uma alternativa? Porque é muito fácil atirar, mas e aí, o que fazer com isso?

Maurício: Obrigado, Rafael. Tem mais, então, duas pessoas. Continua no período.

*: Bom, em parte eu fui contemplado pelas últimas falas aí do Professor Pedro e de Daniel... Rafael. Quando o professor fez a pergunta direcionada às ciências sociais aplicadas, logo me veio um outro questionamento, precisa nós discutirmos o que é ciência e que ciência queremos. Depois discutir o que são ciências sociais aplicadas. Qual ciência social aplicada queremos. Depois o que é ciência da administração. Então a discussão é bem profunda, o ponto de vista que nós devemos fazer uma reflexão, que não vai se esbaldar aqui, nesse momento. Eu acho que todas as ciências estão passando por um processo de reflexão. Nós não podemos ficar presos a uma discussão nem outro ponto de vista por uma epistemologia da administração sem discutir alguns conceitos básicos da filosofia da ciência. Aí o Professor Pedro colocou muito bem, acho que precisa fazer mais esse exercício de reflexão da filosofia da ciência, da epistemologia de alguns elementos, para nós sabermos, exatamente, qual a

direção que deve ter a ciência da administração, se é que é ciência. Que ainda nós temos uma grande dúvida em relação a essa questão. Professor Pedro colocou isso muito bem, não dá mais para nós fazermos ciências apenas observando, descrevendo, explicando os fenômenos. Nós temos que ir além dessa etapa do processo, principalmente quando se propõe a discutir uma ciência que está dentro do campo das ciências sociais aplicadas. Nós não propomos, muitas vezes, a questão de um processo de mudança. E aí nós estamos em um processo de crise do pronto sistema capitalista, que a administração não tem um modelo, talvez a palavra não seja modelo, não tem uma proposta que possa, de fato, levar para uma discussão, como foi pontuado pelo colega. Isso reflete, também, na questão que Rafael colocou, tem alguma coisa errado com o ensino da administração na graduação e na pós-graduação. O aluno termina a graduação dizendo que é possível esse super homem que foi apresentado, que faz a crítica. Quando chega ele chega à graduação, nós temos que destruir, desconstruir o discurso desse super homem. Isso passa muito, a meu ver, por uma disciplina importante que nós discutimos muito pouco, que é a teoria geral da administração. Como essa disciplina está sendo trabalhada, se de fato a teoria geral da administração está proposto ali nos planos. E não temos uma alternativa para optar dentro dessa discussão dos estudos básicos da administração. Portanto, Professor Maurício, eu entendo que esse espaço é um espaço privilegiado, entendo também que esse espaço não pode cair no erro do que vem acontecendo, do ponto de vista de definir apenas uma linha, uma corrente, não abrindo espaço para outra discussão que não podemos ficar reunidos dois dias e não tem uma proposta concreta do ponto de vista do processo de que nós estamos procurando aqui, de como nós podemos conduzir isso. Então, eu acho que cabe, até a questão de formulação de uma agenda de trabalho, de pesquisa, de publicação, de articulação com os outros campos para nós fazermos essa reflexão de forma mais aprofundada e irmos além dessa questão da discussão. Porque entendo que temos aqui uma representação, embora, não se é um grande colóquio em termo de quantidade, mas em termo de qualidade não tenho dúvida em relação a isso, nós temos uma capacidade de fazer isso e consolidar um evento como um grande evento.

Maurício: Obrigado. Ainda temos Márcio. Márcio, por favor.

*: Bem pouco, tentando sintetizar algumas questões que foram colocadas aqui. Os cientistas, depois da igreja, somos nós. Mas a prática de negócios, nesta prática, quem sabe são os praticantes e os consultores. São eles que ganham dinheiro. Esse é o parâmetro do mercado. Esse é o mercado, esse é o parâmetro. O que nós podemos vir a conhecer é como eles fazem o que fazem, aí entra uma discussão sobre que tipo de pesquisa se faz e eu, daqui a pouco, vou falar um pouco sobre essa coisa da pesquisa social em administração, eu estou querendo dizer o que eu faço como pesquisador. Obviamente, não proponho a crítica, podemos não aceitar o não como eles fazem ou criticá-lo. Um pouco do que o Alex colocou. Não ser reprodutores, mas tem uma diferença entre não ser reprodutor e ser somente o atirador de pedra, que é um pouco do que Rafael colocou. Mas a nossa formação é para fazer outra coisa diferente do que eles fazem, isso é algo que me ficou muito definido. A formação nossa é acadêmica, para pesquisar e a formação do praticante é para ganhar dinheiro no mercado. Enfim, seria um preconceito em relação a isso, é uma constatação ao fato. Então, as formações são diferentes, as práticas são diferentes, nós voltamos um pouco para a coisa da linguagem, da dificuldade de diálogo. Aí vêm algumas perguntas, também, que eu acho que nós precisamos levar. **Quem conhece o quê?** Nós é que devemos nos esforçar nesse sentido, não esperamos dos praticantes que eles se esforcem, porque o esforço deles é do conhecimento prático. É para vencer nos negócios. Nosso esforço é para esclarecer determinados pontos, para trabalhar com um rigor científico. Não há problema com o uso da palavra rigor, para mim é amplamente específica, nenhum paradigma. Ciência requer isso aí, um rigor, cobrar precisão. E aí eu acho que falta para nós, enquanto comunidade, que tem uma prática, que tem um projeto nesse sentido, um pouco dessa coisa que o Alex colocou também que é a coisa da humildade. Nós precisamos ir à realidade dos negócios para entender como eles fazem e respeitando, se esforçando e ter em mente que quem sabe fazer são eles, não nós. Os praticantes são os consultores. Nós podemos fazer o nosso papel, assim que eu vejo o meu papel. Nós precisamos ter a humildade para aprender com eles, sobre o que eles fazem, para que assim, nós possamos tentar explicar isso, até mesmo serve de medida para eles, porque eles sabem fazer, mas não sabem por que fazem, como fazem, essas tarefinhas básicas da filosofia, que, nós, muitas vezes, não se faz. **Eu**

acho que é essa coisa, no fundo, no fundo, para encerra, que tipo de conhecimento em administração ou procurando gerar? Para quê? Por quê? Que tipo de negócio nós estudamos? Qual o compromisso social que nós temos com o conhecimento que nós geramos ou estamos preocupados em escrever artigos para nós mesmos leiamos e critiquemos, e não textos para os nossos estudantes leiam, para que os praticantes leiam e discutam conosco sobre a realidade dele, digam, que na verdade as coisas são diferentes do que nós estamos dizendo. Eu acho que esse é o desafio. Eu acho que esse é um desafio que eu vejo que existe para a nossa academia.

Maurício: Obrigado, Márcio. Vou ter que encerrar aqui, encerrar as manifestações do auditório, senão a surpresa não se dá. Mas antes da surpresa em si, algumas palavras do Professor Aristón e suas observações do que discutimos aqui.

Aristón: Na verdade, assim, eu tenho só uma questão a pôr. De tudo que nós discutimos, eu cheguei a uma conclusão que me deixou surpreso, ou seja, nós somos uma ciência social aplicada que sofre a aplicação das ciências sociais aplicadas. É um negócio meio paradoxal. **E para nós foi criada sociologia aplicada à administração, filosofia aplicada à administração, matemática aplicada à administração, no jogo vicioso que, de fato, a pergunta final que resta é: que diabo é isso?**

Maurício: Perguntas que nós lançamos, são perguntas que circulam todo dia no nosso cotidiano de trabalho. Acho que, provavelmente, vários dos colegas se deparam com ela, com elas, aqui e ali, mesmo formulado, às vezes, com outras palavras, mas em essência são as mesmas interrogações, existem outras. De fato, nosso domínio já nasceu ambíguo, já nasceu contraditório, que vem a cem anos se desenrolando com tal, mas é a construção humana, talvez, para quem tem certa visão de mundo, isso é perfeitamente plausível, na construção humana em cada contraditória, vacilante, ela balança, pára, sobe, desce e esse espaço de reflexão que nós estamos abrindo, se uma disciplina ou uma oficina, ou um colóquio de epistemologia não se prestar, também, a esse tempo de abertura para conversarmos sobre isso, acho que não cumpriu grande parte de sua missão, vamos dizer assim, de sua intenção. Então sobre a sugestão, a ideia era trazer vocês, lançamos o blog da oficina na ANPAD para comunicarmos a distância, mas queríamos mais, não é Rafael? A ideia era

aproximarmos fisicamente e ter esse contato face a face, mas como a empreitada é gigantesca, por essas manifestações que reagiram às perguntas, vemos que o que temos a construir é muito grande, o desafio é enorme. Até quando o colega Pedro disse: "Antes de pensarmos em desafio vamos fazer uma reflexão sobre a nossa reflexão, que em geral não fazemos". Então a proposta, pessoal, é que continuemos em linha, que possamos nos encontrar no próximo ano e nos anos seguintes. A proposta vai mais adiante de termos, dentro de algum tempo, um veículo de propagação, de difusão de nossas discussões, de nossos prováveis avanços, nossas inquietações, mas que possamos sistematizar isso de alguma forma. Sistematizar bem no sentido de projetos sociais, você vai criando uma memória informada da própria ação coletiva que está em curso. Não sistematização de padronização, mas que se possa compartimentar com a junta de informações, as pessoas, os (inint [01:21:00]), os colegas, nós próprios possamos receber isso, tratar, levar em salas de aula, inclusive, nas discussões com os pares e, quem sabe, ir reformulando nossas práticas. As ideias e sentimentos que se manifestaram aqui, são extremamente dignos. Levaremos, nós mesmos aqui da comissão, um tempo para sequer digerir isso em termo de como arrumar isso em uma comunicação mais fácil de vocês todos e outros colegas poderem receber isso. Eu até acrescentaria, Márcio, às suas colocações, não só um homem de negócios, mas o gestor à frente de projetos sociais, que chama de gestão social e Aristón alarga isso, vai dizendo: "É mais que isso, é todo mundo envolvido", me parece que na ação coletiva mais ou menos organizada, enfim, estamos apenas começando essa aproximação. Que o esforço da epistemologia na nossa escola, vocês já viram um breve histórico que fizemos ontem, ele começou há algum tempo, mas não muito tempo. A oficina mesmo começou há dois anos, começou em 2009. A disciplina nós vimos trabalhando há mais tempo. Mas o indivíduo solitário, com os seus alunos. Agora, a partir de 2009 é que a coisa começou a ter outra dimensão e de fato, agora, uma dimensão nova. Porque vocês estão, acredito eu, topando a parada. Vamos levar adiante? Vamos levar adiante. Acho que nós não temos condição de tirar propostas muito, digamos, concretas. Eu entendi o que você falou. Eu acho que entendi. Mas acho que nós não temos ainda, agora, essa condição. Eu prefiro trabalhar com a prudência, para não colocar o bloco na rua no lugar em

que a avenida não esteja bloqueada para ser o carnaval. Nós corremos o risco dos carros virem e passarem por cima de nós. Nós felizes, brincando no carnaval em uma rua que não está bloqueada para isso. Então, vamos devagar, com calma, mas vamos ter isso, depende de todo esse esforço que nós vamos levar daqui para adiante. A surpresa então... Isso aqui fica inconcluso, claro, mas não fica no ar, até porque tem grupo aqui, vocês já viram, estão conhecendo essas pessoas, que está dedicado ao tema e a todos os subtemas que se ligam a ele. Na verdade, são as nossas grandes perguntas, não é Professor Pedro? Que temos, vamos fazendo à medida que vamos andando, caminhando, usando, os anos passando e nós trabalhando com o ensino e pesquisa de administração. Que administração queremos. Que tipo de ciência queremos. Aí o Sérgio diz: "Olha, essa coisa, essas caixinhas paradigmáticas não servem", ele cita Boaventura, mas Boaventura, ao criticar, também diz assim: "Paradigma emergente e paradigma dominante". Então que ideia de paradigma nós procuramos. Morgan, está àquela coisa cartesiana, que crítico e funcionalista, talvez sejam só óticas para ver a produção científica ao longo do tempo, mas que nós precisamos realmente visar e ver que ciências queremos. Parece-me que nós podemos, humildemente, Márcio e Alex, irmos construindo, aos poucos, essa ciência que nós interessa, que nós acreditamos que valorizaríamos um dia como algo que nós pensamos, como disse o mestre ontem, ser uma verdade para nós, provisória enquanto estivermos aqui e lutamos por aquilo que acreditamos. Estamos em crise? Sim. Todas as ciências, o mundo ocidental, o mundo inteiro, temos até que parar de dizer que é o mundo ocidental somente, o oriente também em uma crise profunda e o oriente talvez não exista, nem o ocidente, seja facetas de tantas facetas. A ciência está em crise, também, dentro disso, não só a administração, todas elas, talvez em uma crise muito profunda. Porque iniciamos uma reflexão epistemológica muito tardiamente, atrás à reboque de todas as outras ciências sociais, de todas as outras ciências humanas, em um todo. Nós começamos a reflexão epistemológica ontem, de fato, ela se sistematiza a partir de 1981, mais ou menos. É muito pouco tempo se você considerar, por exemplo, que algumas outras ciências vêm se debatendo com a coisa desde o início do século XX, na virada do século XIX já havia um debate, quase que fratricida, dentro da física, que só fez aumentar. Mas na administração foi feito instituído

ali, como ciência, desde o século XX, passou oitenta anos acreditando na teoria geral da administração, querendo fazer crer. Então não tem grandes debates, só uma pequena diferença entre uma escola e outra. E hoje nós herdamos essa falta, essa ausência de reflexão. Mas a reflexão é que nos proporcionam alguns colegas que dedicam as suas vidas a formar pessoas com responsabilidade, com respeito. Dedicam suas vidas ao debate, sobre o que estamos fazendo, o que estão fazendo. Ao construir uma ciência tão desenhada por colegas das ciências humanas, sociais, mas isso está mudando aos poucos. Mas de qualquer maneira enfrentamos, sobretudo, a luta, a dificuldade, o desprazer, a dureza material, também, isso faz parte da vida, de ser um professor universitário em um país de terceiro mundo. Não me venha com a ideia que está aí, de emergente, somos um país de terceiro mundo. Se nós pensarmos o que é o primeiro mundo, que está aí, também, decadente para chuchu, mas em algumas áreas de atuação é evidente que somos terceiro mundistas mesmo, bem no conceito dos anos cinquenta do século passado. **A educação no Brasil, como é tratada?** Todos nós sabemos, não vou fazer discurso aqui. Talvez sejamos, dentro dos emergentes, os novos ricos da economia mundial, o único país que pensa que vai ser uma grande nação, um grande país desenvolvido e mal educado. Não existe nenhum caso, até hoje, na história de um país, que o senso comum, chama de desenvolvido ou primeiro mundo, mal educado, burro, ignorante e que educação é um negócio que está ali, mas as pessoas passam por aquilo para não serem ignorantes. Passou pela escola, acabou, agora vai cair na vida e vai ganhar dinheiro em outras coisas mais importantes. Educação acabou, é uma passagem. Assim que nossas elites tratam a educação no Brasil, isso reflete em algumas políticas públicas e não é prioridade para um país. Nós somos o único país do mundo que tem essa visão esdrúxula, que vamos chegar à dianteira do mundo e termos uma população ignorante, com escolas caindo aos pedaços, com educação vergonhosa. Então, viver isso, sofrer isso na pele, a vida profissional inteira, ser professor universitário no Brasil é algo, realmente, difícil. Nós temos exemplo de pessoas que dedicam suas vidas a esse desafio de uma forma honestíssima e quando chegam, por exemplo, próximos do final da carreira ou mudando a dimensão da carreira, digamos a aposentadoria que é uma coisa só. Ontem nós vimos a apresentação de um aposentado, não, hoje,

mas na ativa. Tem o reconhecimento, são amados pelos alunos, são respeitados pelos colegas, mesmo aqueles que divergem, só não têm um grande status na comunidade, como em outros países, porque aqui a sociedade não valoriza a educação. Senão teria o status que um professor que chega ao fim de sua carreira formal recebe todas aquelas homenagens, etc. Então pensamos que nossa reunião, todos os anos, queremos fazê-la todos os anos será também um espaço de reconhecimento de alguns colegas que nós dizemos assim: "Poxa, quando eu crescer quero ser igual a ele". Reconhecimento. Se a sociedade ampla brasileira não dá o reconhecimento devido, nós temos que fazê-lo, nós aqui. Esse, também, é um objetivo oculto, porque a poluição não revelou para ninguém e dentro disso, alegria imensa do Professor Pedro Lincoln confirmar a sua ajuda. Professor, quando o senhor respondeu aquele e-mail dizendo: "Confirmando minha presença", nós passamos aquele e-mail "como é pessoal, está selecionado, vem ou não vem?", e ele "confirmando a minha presença". Foi uma vibração na comissão. Porque senão seria uma homenagem à distância, o senhor nem iria saber, pelo menos no momento. Aí nos deu a oportunidade de fazer esse reconhecimento em loco, aqui, that a that e pela grandeza do seu trabalho, da sua honestidade profissional, humana, pessoal, o caráter brilhante que você ostenta, no bem sentido, (inint [01:32:39]), mas isso flui da pessoa. Respeitado por todos os lugares onde você passou. Um ser humano com virtudes e defeitos, como todos nós, mas as virtudes são resplandecentes. Nós preparamos aqui uma pequena homenagem a você, colega, aqui está o resumo do resumo do resumo, não é nem o resumo que nós pedimos para o colóquio, o resumo do texto. O resumo são pouquíssimas palavras, ontem mesmo Pedro "Demo" falava: "O (inint [01:33:14]) só aceita cento e quarenta toques". Estamos na era, então, dos cento e quarenta toques. Todos podem ver, eu acho que a letra está pequena, mas é só o resumo do resumo de uma carreira, realmente, brilhante, e essa... É, Professor, por favor, venha aqui... "A Universidade Federal de Santa Catarina presta uma homenagem ao Professor Pedro Lincoln de Matos, em reconhecimento ao brilhantismo da sua contribuição para o avanço da ciência da administração e para a formação de pesquisadores no Brasil. Obrigado, Professor".